

# Pólo ficará em área de morros e nascente



Tina Coelho

Pólo ocupará 460 hectares de área montanhosa de Sobradinho

**Arthur Herdy**

Ainda sem luz, câmera ou ação, a área de 460 hectares aprovada para a implantação do Pólo de Cinema e Vídeo na Fazenda Mugi, também conhecida como Alto de Sobradinho, destaca-se pela diversidade de sua vegetação e topografia suave em alguns locais e acidentada em outros. Conta com muitos vales, morros, áreas planas, cerrado, nascentes d'água e riachos e muito verde, justamente o pano de fundo ideal para a produção cinematográfica ao ar livre.

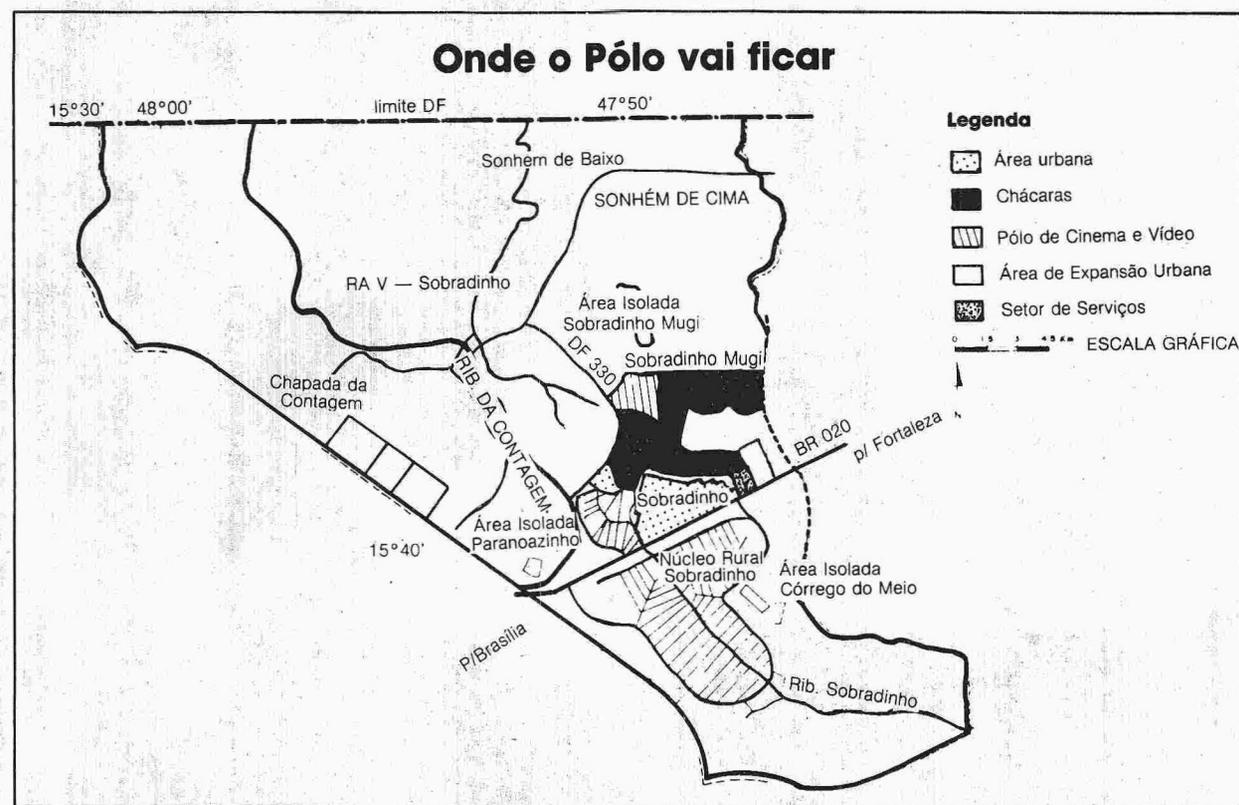
Todavia, o que mais chama a atenção a quem chega à área — localizada a quatro quilômetros do centro da cidade-satélite e por estrada de terra — por enquanto, sem o barulho das claquetes, é a acentuada beleza natural. A região apresenta inimagináveis cenários, entre eles, as privilegiadas vistas da Chapada de Contagem com seus extensos canyons, a Serra do Catingueiro, um sobe-e-desce de uma mata quase virgem e o Morro da Canastra, o mais alto do local.

Outra vantagem extra na opinião dos defensores do Pólo de Sobradinho é que a área situa-se fora da influência e da pressão urbana, ficando, assim, longe de qualquer tipo de poluição visual ou do ar. De um lado, está cercada por antigas fazendas — algumas históricas e mais velhas que a Capital da República — e, de outro, por chácaras com produção agrícola.

**Meca**

Empolgada com a futura implantação da "Hollywood candanga" e meca do cinema brasileiro, a administradora regional de Sobradinho, Anilcéia Machado, afirma que o local escolhido é ideal para o projeto, não só pelas qualidades operacionais, como também naturais.

Para ela, o clima ameno, a tranquilidade, a proximidade com



o Plano Piloto, o transporte fácil e a vocação para sede de indústrias não-poluentes, credenciam Sobradinho para o projeto aprovado por unanimidade pelo Conselho Diretor do Pólo, agora referendado pela Câmara Legislativa.

"Temos as características fundamentais para a implantação da indústria do cinema em nossa região. Aliás, como deve ser, uma indústria sem chaminés", ressalta Anilcéia, "prefeita" de uma cidade com 110 mil habitantes e que, há mais de dois anos, fechou o único cinema.

Embora não seja cinéfila de carteirinha e pouco conheça sobre

a indústria cinematográfica, Anilcéia, que fez um exaustivo lobby para levar o pólo para sua região — competiu com Planaltina, Taguatinga e Gama —, se transforma quando fala do projeto. Dessa seara ela entende.

A administradora defende que o eixo de industrialização do Distrito Federal, antes voltado para Taguatinga e o Gama, parte para uma nova perspectiva em direção ao norte. De olho na absorção da mão-de-obra, ela afirma que a ocupação do Pólo de Cinema, com incontáveis empregos durante a construção e, ainda, depois de implantado, é muito salutar para a cidade serrana, também chamada de

"Petrópolis do Planalto", diante da identidade geográfica com a cidade fluminense.

Anilcéia não sabe estimar os custos do projeto ou a quantidade de empregos que vai gerar mas salienta que a Secretaria do Trabalho já está apta a desenvolver cursos técnicos de capacitação para aqueles que sonham não com o trabalho na frente das câmeras, mas por trás dos bastidores.

Ela cita os casos dos operadores, maqueteiros, carpinteiros, marceneiros, cinegrafistas, cabeleireiros, entre outros. Ao concluir, define a data para a inauguração do projeto: 1994, final do governo de Joaquim Roriz.